

O ensino de História da África e da cultura Afro-Brasileira e Africana como instrumentos de combate ao racismo

Antonio Carlos Lopes PETEAN
Área: História Cultural

Introdução

Quando falamos em África, a primeira noção que nos vem à mente é a de um continente marcado pela escravidão, pelo neo-colonialismo, pelas guerras de descolonização, pela fome e práticas de genocídio. Além dessa imagem que possuímos sobre o continente africano, outras representações estão presentes: uma natureza bela, com grande potencial turístico e potencialmente rica em recursos naturais. Portanto, falar em África assumiu um caráter tanto pejorativo, quanto edenizador. Além do deserto do Saara, da cadeia de montanhas Atlas ao norte, das savanas, das florestas tropicais, dos desertos da Namíbia e do Calahari e do Cabo da Boa Esperança, o continente africano possui uma grande diversidade étnica e cultural impossível de ser apreendida em sua totalidade. A referência geográfica é importante, mas não o suficiente. Assim, ao tratarmos da história da África, da cultura afro-brasileira e africana corremos o risco de naturaliza-las ou estigmatiza-las. O que devemos buscar no estudo da África e das manifestações culturais de raiz africana, são comunidades construindo suas respectivas manifestações culturais e religiosas, dominando a natureza, vivendo, amando e sobretudo lutando para reafirmar suas respectivas identidades frente ao conquistador e dominador europeu.

Em boa parte dos livros didáticos e apostilas o continente africano é chamado de continente negro, esquecendo assim, da África saariana (Árabe, Moura e Berbere). Outra questão importante a ser tratada é que para uma boa parcela do continente americano a África é uma referência cultural e existencial. Milhões de negros foram trazidos para a América na condição de escravos para as colônias de Portugal, Espanha, Inglaterra, França e Holanda, constituindo com o passar dos séculos, uma imensa população de afro-descendentes, que acabaram por reconstruir e reinventar suas raízes culturais, que os remete a um passado mítico e distante. No Brasil, manifestações culturais como o candomblé, a Umbanda, a capoeira, o samba-de-roda e outras, foram tratadas como caso de polícia (coisas de “vagabundos”), e sofreram uma dura perseguição.

O ensino de História da África e da cultura afro-brasileira e africana

Do mesmo modo que os descendentes de europeus e asiáticos buscam resgatar suas raízes ou preservá-las, os descendentes dos africanos buscam, também, no resgate de suas raízes africanas, construir uma identidade positiva e uma reparação histórica, desconstruindo uma imagem negativa sobre o negro e sobre suas manifestações culturais de matriz africana. Por isso o ensino de história da África, da cultura afro-brasileira e da cultura africana é fundamental para refletirmos sobre o preconceito, o racismo e as relações étnicas existentes em nossa sociedade. A luta contra o racismo (definido como crime pelo artigo 5º da constituição brasileira) é tarefa de todo educador e cidadão. Por isso, compete ao sistema educacional, desenvolver práticas pedagógicas que contribuam para eliminar o racismo. A lei 10.639/2003 responde a demanda da comunidade Afro-Brasileira no que diz respeito à educação, a obrigatoriedade do ensino de história da África, o respeito às manifestações culturais de matriz africana, e, ainda, por possibilitar o combate a toda forma de preconceito.

De acordo com essa lei, a História da África, tratada em forma de denúncia da miséria e discriminações que atingem o continente africano, se articulará com a história dos afros

descendentes no Brasil. Nesse caso serão abordados temas como: o papel dos griots como guardiões da memória histórica; os núbios, os egípcios, os reinos do Mali, Congo e Zimbábwe, o tráfico de escravos, o papel de europeus e africanos nesse tráfico e o estudo das universidades africanas de Timbuktu, Gao e Djene, que floresceram no século XVI. Outro tema a ser trabalhado é o neocolonialismo e a luta dos países africanos pela independência, dando ênfase a luta dos países de língua portuguesa. Quanto ao ensino da cultura afro-brasileira, devemos dar destaque ao Candomblé, a Umbanda, Congadas, Maracatus, e demais manifestações de matriz africana. Todos esses temas articulando-se para combater o preconceito e o racismo, presentes no território nacional.

As representações sobre o outro

Castoriadis (1992:31), afirma que:

“O racismo é uma transformação ou um descendente especialmente violento e exacerbado (arrisco-me até mesmo a dizer: uma especificação monstruosa) de uma característica empiricamente quase universal das sociedades humanas. Trata-se da incapacidade humana de se constituir como si mesmo, sem excluir o outro; em seguida, da aparente incapacidade de excluir o outro sem desvalorizá-lo, chegando finalmente a odiá-lo”.

Diz ainda Castoriadis (1992), que toda sociedade ao se constituir com tal, institui para si uma lógica, valores, representações do mundo e, portanto, cria representações do outro. Por isso, na criação do mundo, realizada por uma sociedade, a existência de uma outra sociedade sempre encontra lugar, assim como seus valores, sua lógica e suas representações do mundo (religiosas e míticas).

Nesse processo de construção e instituição de uma sociedade, o problema está no lugar reservado ao outro. Ainda, segundo Castoriadis (1992:32), “As instituições desses outros (e, portanto, esses próprios outros!) podem ser consideradas como superiores (as nossas), ou como inferiores, ou como equivalentes. Observemos que o primeiro caso acarretaria, ao mesmo tempo, uma contradição lógica e um suicídio real. A consideração das instituições estrangeiras como superiores pelas instituições de uma sociedade, não tem razão de ser: essa instituição deveria ceder lugar a outra”.

Mas considerar as instituições dos outros como iguais leva a indiferenciação. Portanto o que a história da instituição e construção das sociedades nos oferece não é o reconhecimento da alteridade. Pois as línguas, crenças, maneiras à mesa, mitos, são para a maioria das sociedades incomparáveis. Mas ao julgar os outros e suas instituições como inferiores e desclassificá-las, justifica-se tudo o que possa lhes ocorrer. Nesse sentido, no final do século XIX, o médico e antropólogo Nina Rodriguez, ao atribuir aos negros e mestiços uma inferioridade e incapacidade intelectual, propõe que se institua no Brasil dois códigos de leis, um para negros, e outro para brancos, devido aos diferentes graus de evolução (Schwarcz, 2001). Isso ocorre porque na relação histórica entre as sociedades estão inseridas estratégias de poder e, portanto, submissão.

Para Arendt (1998), toda ideologia é concebida como estratégia de poder, e, segundo ela, a força de uma ideologia reside em dois pontos: nos anseios, desejos e expectativas de uma parte da sociedade (que busca se legitimar), e também na utilização de doutrinas de outras ciências para ter sentido lógico. No caso da ideologia racista, a biologia fornece as doutrinas e conceitos de que ela necessita para justificar seu discurso. Segundo Lopes (2007), foi o conde de Gobineau, na França, que lançou as bases do “racismo científico” ou ideologia racista, ao pregar a superioridade da “raça” nórdica e branca sobre as demais, afirmando, ainda, que o conceito de raça era o fator determinante do progresso ou decadência de uma sociedade. Os escritos de Hannah Arendt, Cornélios Castoriadis e Nei Lopes, podem

contribuir para a compreensão do fenômeno do racismo e na compreensão do olhar que o europeu construiu sobre a África, sobre o negro e sobre a escravidão. Portanto devem fazer parte de todo programa disciplinar que envolva discussões étnico-raciais.

Referências bibliográficas

HANNAH, A. **As Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

CORNELIUS, C. **O Mundo Fragmentado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WILLIAM, C. **Français et Africains**. Paris: Gallimard, 1980.

LOPES, N. **O Racismo Explicado aos meus Filhos**. São Paulo: Agir, 2007.

MINISTERIO da Educação e Cultura. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília, Distrito Federal, 2004.

SANTOS, G. A. Selvagens, Exóticos e Demoníacos: Idéias e Imagens sobre uma Gente de Cor Preta. **Estudos Afro-Asiáticos**. V.24 n.2: Rio de Janeiro, 2002.

SCHWZRCZ, L. M. **Racismo no Brasil**. São Paulo: Publifolha, 2001.